



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE ESÉCIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO/PGFILE**

ROBERTA ARAÚJO

A CONTRIBUIÇÃO DE PLATÃO Á EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

**CAMPINA GRANDE
2017**

ROBERTA ARAÚJO

A CONTRIBUIÇÃO DE PLATÃO À EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

Monografia de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da Monografia.

A663c Araújo, Roberta.
A contribuição Platão à educação contemporânea
[manuscrito] / Roberta Araújo. - 2017
22 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação e Pesquisa, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira., Coordenação do
Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia. 2. Platão. 3. Formação humana.

21. ed. CDD 142

ROBERTA ARAÚJO

A CONTRIBUIÇÃO DE PLATÃO À EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Monografia de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia. Área de concentração: Filosofia da Educação.

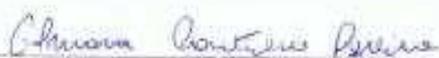
Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira.

Aprovada em: 04/09/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Ma. Gilmaria Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Thallos Azevedo de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Reconhecer antes de tudo à necessidade de buscar no outro aquilo que nos falta; agradecer a generosidade de todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização de mais esta etapa da minha caminhada.

Agradeço a Deus, pois o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.

Agradeço em especial mãe, (*in memória*) o meu sol, pelo exemplo silencioso de humildade, perseverança e honestidade.

Agradeço a minha família que me deu conforto e carinho nos momentos que pensei em desistir e ofereço a alegria da minha conquista a tia Margarida, Sueli e Severa.

Sou grata aos meus amigos pelas alegrias e dores compartilhadas. Em especial a minha querida Manoela, que mais que amiga é minha irmã de alma, em vocês encontro a força para buscar sempre meu melhor.

Também agradeço carinhosamente a minhas colegas de curso que se tornaram amigas para a vida toda: Patrícia e Silvia nossa amizade é uma das melhores coisas que me aconteceu e sem vocês essa conquista teria sido bem mais difícil.

Agradeço a minha querida professora Simone Marinho por seus ensinamentos transmitidos com dedicação e paciência. Que para mim é exemplo de profissional e ser humano, receba minha admiração.

Agradeço de forma especial a meu querido orientador Valmir Pereira, que apesar do pouco tempo de convívio mostrou sempre gentil e acolhedor.

Agradeço a banca que gentilmente avaliou este trabalho.

Enfim agradeço todos os professores e colegas pelos momentos que passamos juntos buscando nos tornar pessoas melhores.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 O HOMEM GREGO: DE HERÓI À CIDADÃO NOS POEMAS DE HOMERO E PLATÃO.....	6
2.1 As contribuições de Homero na formação do guerreiro grego.....	6
2.2 A <i>Pólis</i> como espaço da formação do cidadão.....	9
3 A INFLUÊNCIA PLATÔNICA NA FORMAÇÃO DAS BASES DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.....	11
4 CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS.....	21

A CONTRIBUIÇÃO DE PLATÃO Á EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

ARAÚJO, Roberta¹

RESUMO

Este estudo traz uma reflexão sobre as contribuições da Paideia grega a educação contemporânea, tendo como base inicialmente as obras homéricas *Iliada* e a *Odisseia*, destacando a figura e o papel do herói. Em seguida, ressaltaremos as contribuições de Platão na nova concepção de cidadão na *Pólis* grega e sua perspectiva de educação na formação do homem e na organização social. Por fim, apresentaremos de forma panorâmica as mudanças educacionais no mundo contemporâneo, especialmente a partir das reformas educacionais da década de 1990 expressas por meio da cidadania e da preparação para o trabalho na sociedade capitalista.

Palavras – chave: Educação. Cidadania. Platão. Filosofia. Formação Humana.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo expor valores éticos que podem ser encontrados inicialmente nos poemas Homéricos que, repletos de figuras emblemáticas, foram magistralmente construídos pelo poeta, sendo exemplos para a formação do homem grego. Posteriormente, as obras de Platão (428-347 a.C.) serão utilizadas para atualizar os novos passos que forjaram o homem grego em duas épocas distintas. Acreditamos que os valores nas obras desses autores posteriormente serviram de base cultural para o homem contemporâneo. Assim, refletir sobre tal tema é buscar entender não só o passado, mas também o processo de formação do indivíduo nos dias atuais.

Inicialmente trataremos das contribuições de Homero referente a constituição da figura do guerreiro e do herói, marcadamente presente no período da Grécia como nação belicosa, forjando assim um modelo de ser humano, datado para aquele período e suas circunstâncias.

¹ Pós-graduanda do curso de Especialização em Filosofia da Educação.
E-mail: roberta_sb21@hotmail.com

Vencida essa etapa, abordaremos as contribuições de Platão, especialmente na sua obra *República*, destacando uma nova concepção de ser humano na Grécia da *Pólis*, do cidadão.

Por último, atualizaremos a discussão a respeito do cidadão na contemporaneidade. Essa abordagem terá como cenário as contribuições educacionais dos dois autores gregos para a configuração do novo cidadão. Para esta discussão, serão utilizadas as obras que tratam das políticas educacionais das décadas mais recentes, especialmente as da década de 1990.

2 O HOMEM GREGO: DE HERÓI À CIDADÃO NOS POEMAS DE HOMERO E PLATÃO

2.1 As contribuições de Homero na formação do guerreiro grego

Não seria forçoso invocar as musas para vir em nosso auxílio, já que nosso intuito é nos debruçar sobre as obras e sobre as conseqüentes contribuições para nossa cultura deixadas pelo “Primeiro Poeta”, o grande educador da Grécia, Homero (Século VIII a. C).

Quase uma figura mítica, Homero² tem sua origem envolta em mistérios e, por isso, as informações sobre seu nascimento e vida são imprecisas. No entanto, é sabido que Homero, que em grego antigo era Ὅμηρος, viveu entre o século IX e o século VIII a. C. Era um antigo aedo (ᾄδός) grego, isto é, um cantor popular. Passava pelas cidades a cantar epopeias, acompanhados de instrumento musical. É autor de duas obras épicas importantes, a *Iliada* e a *Odisseia*, além de muitos poemas, especialmente uma coletânea de hinos religiosos. É comum entre os estudiosos o questionamento se o poeta existiu propriamente, ou se o que chegou até nós, foi uma construção ao longo da história de séculos da cultura aural (aprender pelo ouvido). Porém, o que não nos resta dúvida é a importância da tradição oral que toda via se sobrepõe à existência de ou não de um autor.

² O busto de Homero, datado da época romana e hoje conservado no museu de Munique, mostra um homem cego, barbudo, cabeludo e de expressão altiva. Esse busto, contudo, não corresponde a um retrato, mas sim à imaginação dos antigos, que relacionavam a cegueira ao poder de adivinhação – à capacidade de antever o futuro –, bem como acreditavam “que a memória de um homem era mais extraordinária quando ele se encontrava desprovido de visão” (Vidal-Naquet, 2002, p. 13).

Hoje, depois de longos séculos de discussão sobre a existência real de Homero e a sua autoria das obras referidas, não restam dúvidas de que ele de fato foi o poeta brilhante que fundamentou um dos ramos mais importantes da literatura universal.

Sendo um legítimo representante da cultura aural, suas epopeias foram declamadas de forma magistral, pois além de uma conduta descritiva perfeita, o poeta expressava os sentimentos humanos, representados na figura do herói. Ele pode ser um espelho para o homem grego e isso pode gerar uma identificação e o anseio por esse modelo ideal posto na obra Homérica

Assim, podemos afirmar que a *Iliada* e a *Odisseia* apresentam além de uma característica estética, típica da poesia, também uma característica ética e propedêutica.

Desse modo, por meio de suas personagens e do ideal que essas personagens incorporavam, os mitos exemplificavam comportamentos, instituíaam determinados modos de ser e viver, constituindo-se como instrumentos essenciais para a formação do homem daquela civilização, pois:

Homero, tal como afirma Platão (República: livro X, 606C), foi o educador primeiro da Grécia. Ele guiou durante muitos séculos o modo pelo qual os jovens deveriam se comportar e o que deveriam aprender para estarem prontos para a vida em um ambiente coletivo. Mesmo depois de a Grécia procurar sobrepor ao pensamento mítico o pensamento filosófico, o homem grego ainda recorria aos poemas para idealizar modelos de virtude, justiça e coragem (AMARAL, MURARI, PEREIRA, 2009, p.9864).

Por meio dos poemas *Iliada* e *Odisseia*, o mestre Homero procura refletir sobre as preocupações gregas quanto ao processo educativo, com vista a esboçar o sentido de educação para os homens de seu tempo. Werner Jaeger (1888-961) escreve que “a poesia grega nas suas formas elevadas não dá apenas um fragmento qualquer da realidade; ela nos dá um trecho da existência, escolhido e considerado em relação a um ideal determinado” (JAEGER, 1986, p.66.).

Devemos observar um fator relevante para a compreensão da educação oferecida pelos poetas: é observar as raízes educativas da poesia que tem como objeto a natureza humana, e nesta poesia encontramos a projeção de uma realidade em conjunção a uma ética, que não é somente um pensar filosófico e sim uma espécie de regimento a ser seguido por todos os cidadãos gregos.

Assim, podemos dizer que a ideologia das obras homéricas, que são idealizações do guerreiro e do herói, teve grande força na educação do homem grego, principalmente na sua concepção de cidadão.

Desta forma, o termo *Paideia* não pode ser traduzido simplesmente como educação, significa muito mais que isso. Significa também cultura, instrução e formação do homem grego. Este termo começou a ser utilizado no séc. IV a.c. e nesta época significava apenas a criação dos meninos. Mas o seu significado se alargou e passou a designar também o conteúdo e o produto dessa educação. Jaeger indica que

[...] a *Paideia* era o processo de educação genuinamente humano, o processo, que é essencial a história da formação grega. O que nos leva, ao conceito de *Arete*³. *Arete* seria o mais alto ideal a seguir, a virtude, o que expressa a polidez de quem é cortês até o significado do ser heroico na forma de um guerreiro. É o ideal da educação (JAEGER 1986, p. 84).

Diferentemente da contemporaneidade que apresenta um sistema educacional pré-estabelecido, o processo educativo dos gregos não era elaborado e pensado metodologicamente, não tinha nenhuma organização institucional específica. Os ensinamentos sobre aquilo que era minimamente necessário para a vida eram aprendidos em casa, no convívio familiar e com pessoas próximas. Nessas relações ensinava-se aos jovens aquilo que lhes seria imprescindível nas práticas da vida adulta.

Os heróis míticos encontrados na *Iliada* e na *Odisseia* incorporam as características fundamentais do ser humano da época, do seu *ethos*. Justamente por prescrever regras e determinados modos de viver é que os textos homéricos se tornam fenômenos estruturadores da cultura grega, fixando-se como o núcleo da educação daquela sociedade.

O poeta Homero deve ocupar lugar de destaque em uma sociedade onde poetas, historiadores, filósofos e retóricos cobijavam para si o papel de educador da cidade. Assim nos escreve Jaeger: “O coração do poeta está com os homens que representam a elevação da sua cultura e costumes, e isso se percebe passo a passo. A contínua

³ Sabemos da abrangência da palavra *Aretê*, aqui conceituamos como a excelência na atividade praticada, contudo essa palavra, ainda que expresse preceitos morais, carrega consigo uma multiplicidade de significados que precisam ser abordados, pois é ela que fundamenta o modo de pensar a educação na Grécia.

exaltação que faz das suas qualidades tem, sem dúvida, uma intenção educativa” (JAEGER, 1986, p. 44).

Nos mitos homéricos encontram-se personagens de extrema bravura, honestidade, sabedoria e um elevado senso de justiça, do que são exemplos Aquiles, Ulisses e Heitor, os quais se tornaram heróis modelares para os gregos, que deveriam buscá-los como exemplos a serem seguidos. O homem grego aprendia, desde a mais tenra idade, a respeitar os seus deuses e a crer em seus mitos. Esse modelo educativo, que recorria a essas histórias - ainda que fantásticas, objetivava a formação de um cidadão ético, justo e sábio, ou seja, o cidadão grego ideal.

A honra é a própria expressão da *areté* grega, é por ela e por meio dela que os homens asseguram o seu valor. Essa virtude era, entre muitas, a mais grandiosa, e do mesmo modo que os homens buscavam a honra, eles também buscavam ser honrados pelos seus pares. Por isso havia a exigência de respeito mútuo. O desrespeito a essa exigência representava a pior afronta possível, tanto que, para Homero e para o mundo da nobreza desse tempo, constituía a maior tragédia humana (JAEGER, 1986, p.22).

A palavra *Paideia* em sua tradução literal, significa “criação de meninos”, porém adquiriu um significado amplo e elevado. É a própria cultura construída através da educação, um ideal. A construção do homem como homem, como cidadão. Este ideal educativo na história desta cultura pode ser encontrado em Homero.

É importante lembrar que a maneira com a qual essa *Paideia* (educação formadora) estava intrínseca do cotidiano grego consistindo assim em uma ação consciente, sendo natural a constante busca por um “aprimoramento”, o qual podemos comparar ao o escultor que molda sua escultura de forma justa e harmônica.

Tal virtude presente nos poemas homéricos, algo que não é dado, mas sim conquistado, algo conscientemente procurado. Contudo, não está apenas possuir um atributo próprio da nobreza, mas sim um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais.

Assim, a formação homérica tinha como objetivo a coragem e a força como características fundamentais na vida do guerreiro belo e bom.

2.2 A *Pólis* como espaço da formação do cidadão.

Postas as atribuições e contribuições do nosso poeta, passaremos a tratar das contribuições de Platão para a formação do cidadão da *Pólis*. Seria assim, forçoso, pensar em educação grega e na influência homérica sem falar em Platão (427 a. C – 347 a. C) que apesar de grande crítico dos poetas é sabido que a educação passada pelos poetas é referência, sendo citada por ele como uma mera imitação e através da qual não se poderia chegar a verdade. Assim nos coloca Platão:

Assim, penso eu, do poeta diremos também que, embora nada saiba senão imitar, ele consegue, por meio de palavras e frases, usar as cores de cada uma das outras artes, que outros que são como ele, vendo-as graças às palavras ditas, quer se fale do ofício do sapateiro, ou segundo um metro, um ritmo e uma harmonia, julgam que ele fala muito bem quer sobre a arte militar, quer sobre outra coisa qualquer. Tal é o encantamento que, por natureza, esses fatores produzem! Despojadas das cores da música, ditas só pelo que são, creio que sabes a aparência que as obras dos poetas têm... [PLATÃO, 1971, 601a3-b3]

Ainda segundo AMARAL, MURARI, PEREIRA, em sua crítica a poesia, o filósofo relata que o poder da palavra poética sobre a alma humana é um dos maiores. Quanto melhor a poesia, quanto mais poderosa e mais eficaz, mais perigosos os seus efeitos. Parece-nos que tudo o que ela fala sobre todas as artes é sabedoria, mas no fundo somente a arte de imitar é possuída pelo poeta. Todas as outras ele domina apenas aparentemente. Logo, a poesia nos engana sobre seu conteúdo colorindo-se, enfeitando-se e tornando-se atraente em sua forma.

Assim, através de Platão o filósofo recebe a função de ser um educador, que diferente dos poetas tinha um objetivo específico, a formação do guerreiro ideal, que quando posta em prática na escola e na cidade, tinha duas finalidades precisas: o desenvolvimento do cidadão fiel ao Estado e a formação do homem que adquiriu plena harmonia e domínio de si”, como nos exemplifica (CAMBI, 1994, p.97).

O cenário muda e agora o tempo está entre os séculos IV e III a.C., e “a figura do filósofo tende a surgir como um novo modelo de homem, por vezes em alternativa com a imagem tradicional do cidadão” (CAMBI, apud, VERNANT, 1994, p.97).

No desenvolvimento da sua Paidéia, Platão expulsa os poetas da sua cidade ideal por julgar que estes não buscam o principal objetivo que é o *Bem*. Assim, ele lança mão da sua máxima filosófica, O Bom, O Belo e O Justo, que são as categorias, as quais o seu pensamento se refere e que compõe a base de todo o seu sistema. O Bem para ele é o fim, o último que o homem busca, é a virtude máxima. É o Absoluto. O belo é a

Realização e Justiça é o elemento ordenador da desordem, possibilitando assim, uma harmonia na busca do Bem. Desse modo, a Justiça é como o Belo e o Bom, uma derivação da busca pelo Bem Absoluto.

Em Platão o conhecimento é visto como a busca pelo saber, ou seja, esta atitude é um ato de amor, não um amor qualquer, mas um amor à sabedoria, onde o saber filosófico, na verdade, é uma negação de se saber que sabe, provocando assim, um continuo desejo de saber mais. Nesse sentido,

A verdadeira Paideia, conscientemente procurada, é, portanto, para Protágoras, uma cultura geral de carácter superior, entendida como alimento para o espírito, ou melhor, como alimento que forma o espírito (PLATÃO, Protágoras, 312 a-b in: PEREIRA, 1971, p. 391).

Pelo exposto acima, fica evidente que na Paideia de Platão existe o ideal da formação humana superior, nutrida de cultura e de civilização, que atribui ao homem sobretudo uma identidade cultural e histórica, pois não parte do indivíduo, mas da ideia.

É na *República*, que Platão desenvolve sua visão política da educação e rearticula o modelo de formação em relação às diversas classes sociais. É na cidade rica e desenvolvida que ele teoriza as três classes sociais, com governantes, guardiães e produtores. A cidade assim estruturada, permitia a divisão do trabalho e também da educação. Assim, a educação dos produtores ocorria no local de trabalho como aprendizado técnico. A dos guardiães, destinada a formação da coragem e da moderação e a dos governantes, uma formação especulativa através da dialética.

A ideia de uma sociedade perfeita, ordenada, na qual cada um faz só uma coisa, regulada pelo conhecimento puro dos filósofos é, na realidade, a de uma sociedade aristocrática e conservadora que se opõe, também no campo educativo, a qualquer impulso de tipo democrático.

3 A INFLUÊNCIA PLATÔNICA NA FORMAÇÃO DAS BASES DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

Diante de tais colocações, e mediante um senso comparativo apurado observemos as semelhanças e disparidades entre a *República* de Platão e o ensino atual,

destacando obviamente as políticas educacionais, em especial sobre a cidadania e a formação para o trabalho.

Como destacado anteriormente, a educação em Platão tinha como finalidade o desenvolvimento do cidadão fiel ao Estado. Essa forma de pensar ficou distante das políticas educacionais no Brasil contemporâneo, pois a reforma educacional voltada para a construção de uma nova cidadania no Brasil, a partir dos governos FHC na década de 1990, está presente nos PCN do Ensino Fundamental e Médio, configurando-se na proposta de formação ético-política do novo cidadão.

Nos PCNEM, cidadania é trabalhada em todo o texto, materializando-se na ideia de que ela deve ser exercida, pois cabe ao cidadão lutar pelos seus direitos e participar da sociedade sendo, portanto, uma cidadania ativa. Para BENEVIDES (2000, p.20-194):

Esta cidadania ativa supõe a participação popular como possibilidade de criação, transformação e controle sobre o poder, ou os poderes [...] A expectativa de mudança existe e se manifesta na exigência de direitos e de cidadania ativa; o que se traduz, também, em exigências por maior participação política.

O conceito de cidadania ativa está associado ao de participação política, daí o seu ativismo. Nesse sentido, o cidadão fiel ao Estado, conforme exposto por Platão, não tem lugar na contemporaneidade, pois a participação decorre do fato de que vivemos numa sociedade democrática e, portanto, a sua organização deve pautar-se pela igualdade entre os indivíduos. A igualdade significa que todos os cidadãos possuem os mesmos direitos e devem ser tratados da mesma forma.

A concretização desses direitos se dá pela luta dos movimentos sociais como expressão da sociedade civil organizada. A sociedade civil precisa das ideias de igualdade e liberdade para efetuar contratos e o Estado precisa transformar em lei esses direitos. Assim, os movimentos sociais não reivindicam do Estado a sua atuação como coisa pública e sim como concretização da igualdade e da liberdade pela criação de novos direitos. Esses movimentos não se manifestam em nome da sociedade como um todo, mas em nome das diferenças que desejam ver reconhecidas e respeitadas.

A igualdade tornou-se um preceito legal, criando as condições para que os desiguais passem a lutar por ela. Imbuídos desses princípios, os cidadãos consideram possuir o direito de participar das discussões e deliberações públicas da cidade, votando,

opinando e decidindo sobre tudo e sobre todos. A participação tornou-se também um direito do cidadão.

A participação tem sido a tônica das reivindicações democráticas que ampliam a questão liberal da cidadania, transformando-se assim na ilusão e no sentimento de que, participando, a sociedade será transformada e a desigualdade será superada. Em sentido oposto, Tonet (2006, p. 26) destaca que “a cidadania jamais eliminará a desigualdade social, jamais permitirá aos indivíduos serem efetiva e plenamente livres”.

A cidadania traz constantemente para a política educacional um conjunto de problemas que a sociedade civil tem abraçado, convicta de que está fazendo o melhor para o seu país. Assim como a sociedade estruturada apontada na *República* de Platão, a sociedade contemporânea também está organizada em classes. Numa sociedade dividida em classes sociais como a capitalista, ideais como solidariedade, cooperação, coexistência, respeitar as diferenças, dentre outras, encontram sempre grupos de pessoas que se dispõem a destinar algumas horas nos finais de semana para diminuir as “injustiças sociais”. Desse modo, “a solidariedade tem de se apresentar como caridade, como boa vontade, como assistência ou, então, como união na luta por uma nova forma de sociabilidade” (TONET, 2005, p.110)

Da mesma forma, nos PCNEM a escola é apontada como o diferencial para melhorar de fato a vida das pessoas ao afirmar que estamos, “diante desse mundo globalizado, que apresenta múltiplos desafios para o homem, e a educação surge como uma utopia necessária, indispensável à humanidade na sua construção da paz, da liberdade e da justiça social” (BRASIL, 1999, p.25). Por mais que se possa atribuir à educação a tarefa de resolver os problemas sociais, ela não o fará, por ser ela produto da sociedade na qual está inserida. Nesse sentido, é impossível a escola, fruto do capitalismo, resolver os problemas sociais criados por este modo de produção.

Os que promovem a coexistência social fazem, na verdade, a adaptação dos indivíduos ao atual modelo capitalista. Promover a coexistência social é, em última análise, deixar de transformar as relações capitalistas, que desumanizam o ser humano. Assim, respeitar as diferenças entre as pessoas é não fazer nada para que a atual situação mude. Essa forma de ver a democracia e a cidadania ativa circunscreve-se às conveniências burguesas da sociedade. As ações voluntárias tornam-se assim, um poderoso antídoto contra as mudanças sociais escondendo a luta de classes. Para COSTA (2004, p.66),

A luta de classes, ou seja, o antagonismo básico nas sociedades capitalistas entre burguesia e proletariado, foi empurrada para debaixo do tapete do conceito de cidadania, que quanto mais conquista divulgação e adeptos, mais perde em profundidade e operacionalidade.

A noção de cidadania, coordenada pelo grande capital com apoio de fundações e Organizações Não-Governamentais – ONG se fundamenta na lógica do “faça a sua parte”. Essa visão de cidadania carrega em si o individualismo, próprio do liberalismo clássico e exacerbado no neoliberalismo. Ela produz um efeito devastador, quando o indivíduo percebe que não conseguirá resolver seus problemas, por mais que se esforce. Acabará culpando a si mesmo pelo fracasso, afinal, não conseguiu “fazer a sua parte”. Na maioria das vezes, ele não consegue perceber que o seu problema é o mesmo dos outros, devido à visão fragmentada a que está submetido, no trabalho, na escola e nas relações sociais em geral.

A abordagem neoliberal tem como pressupostos os conceitos de liberdade e indivíduo, compreendendo o mercado como espaço que potencializa as habilidades individuais e a competitividade. Essa concepção de sociedade atribui à educação escolar a responsabilidade pela produção e legitimação das desigualdades sociais, por meio da competição exacerbada. Assim, os indivíduos passam a ser responsabilizados pela sua capacidade pessoal ou não de competir. A diminuição dos contrastes sociais decorreria do aumento da capacidade de competição de cada indivíduo.

Desenvolvemos até aqui as implicações dos conceitos de cidadania e participação nas reformas educacionais, com ênfase nos Parâmetros Curriculares do Ensino Médio. Esses conceitos, conforme já explicitado, estão ligados ao princípio da formação para o trabalho.

Ao analisarmos a formação para o trabalho como um dos objetivos da reforma educacional brasileira, especialmente a da década de 1990, consideraremos inicialmente a sua importância para o crescimento do setor produtivo e a inserção do Brasil no mundo globalizado. Nesse sentido, ANDRADE (2000, p.61) afirma que:

Com a cada vez maior extensão do movimento de adoção de formas de inovação techno-organizacional no interior do setor industrial brasileiro [...], o fator de entrave dos ganhos de produtividade e qualidade dos produtos, no que se refere ao aspecto supremo da produção, passou a ser apontado como sendo a baixa capacitação da força de trabalho nacional como um todo, a qual, por sua vez, se encontraria intimamente ligada aos baixos e precários níveis de escolarização daquela força de trabalho.

É interessante notarmos que, na visão da burguesia industrial brasileira, a baixa qualificação da mão-de-obra é um dos fatores determinantes da fraca competitividade de nossa indústria. Dessa forma, para melhorar os ganhos do capital, o trabalhador precisa ser preparado e isso pode ser feito no próprio local de trabalho, com treinamentos diversos. Nesse aspecto, a *República* de Platão já apontava a formação para o trabalho nesse mesmo sentido, no local de trabalho. No entanto, existe uma formação anterior, que precisa ser dada, pois dela dependerá o desempenho do trabalhador. É bastante ilustrativa a fala de Jorge Gerdau Johanpeter, presidente do Grupo Gerdau, publicada na *Gazeta Mercantil* (1995) e citada por ANDRADE (2000, p.62):

[...] É a educação básica, em comparação com o treinamento profissional, que permite às pessoas não somente aproveitar melhor os cursos de capacitação específicos, mas também aprender a importância de suas funções dentro do contexto da empresa e/ou instituição, e na sociedade, e tornando-se mais capacitadas ao desempenho de suas funções e ao próprio crescimento pessoal e profissional. A educação, mais do que nunca, é, portanto, indispensável para permitir aos profissionais, não apenas o aprendizado e compreensão da tecnologia que os cerca em seu trabalho e no seu dia-a-dia, mas também para possibilitar que tenham a visão do todo e a compreensão do seu próprio significado dentro do processo produtivo em que se inserem. [...] a educação básica é, mais do que nunca, fundamental para que possamos dotar o Brasil de maior competitividade.

Considerando essas preocupações do empresariado, cuja fala de Gerdau com certeza não é a única, é possível entender por que o foco da reforma educacional para o Ensino Médio é o trabalho. Essa relação entre as mudanças na educação na década de 1990 e os interesses do capital é destacada por NEVES (1997, p.83) e citado por SENRA (2000, p.105–nota de rodapé), quando os autores afirmam que:

O sistema educacional, no governo FHC [...] assume com exclusividade a tarefa de preparar mão-de-obra com vistas a atender às demandas empresariais de modernidade. Tanto é que fica estabelecido como objetivo central da política industrial, tecnológica e de comércio exterior do governo, a articulação das “ações do governo e do setor

privado para propiciar instrução e qualificação necessárias aos trabalhadores, estimulando a maior integração entre *empresa e escola*. Esta diretriz, que se estende ao sistema educacional em seu conjunto, reserva um papel preponderante à universalização da escola básica (...) e à formação no ambiente de trabalho e na reciclagem do trabalhador”.

Essas considerações demonstram os interesses e o fim último a que se destina a reforma educacional. Isso é possível verificar em vários trechos dos PCNEM em que se encontram as relações entre a formação para o trabalho e a necessidade de atender a um mercado cada vez mais dinâmico e dominado pelas tecnologias. Assim, já na apresentação dos PCNEM, o então secretário de Educação Média e Tecnológica, Ruy Leite Berger Filho, deixa claro aquelas relações ao afirmar que:

A consolidação do Estado democrático, as tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos exigem que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho. (BRASIL, 1999, p.13).

A importância dada ao trabalho é destacada também na organização do Ensino Médio, que propõe uma Base Comum e a divisão do conhecimento escolar por áreas. É na Base Comum que estão os fundamentos da preparação para o trabalho e como ele se aproxima da lógica do mercado, por meio da ciência e da tecnologia. Dessa forma,

A Base Nacional Comum traz em si a dimensão de preparação para o trabalho. [...] aponta que não há solução tecnológica sem uma base científica e que, por outro lado, soluções tecnológicas podem propiciar a produção de um novo conhecimento científico. [...] Essa educação geral, que permite buscar informação, usá-la para solucionar problemas concretos na produção de bens ou na gestão e prestação de serviços, é preparação básica para o trabalho. [...] As considerações gerais sobre a Lei indicam a necessidade de construir novas alternativas de organização curricular comprometidas, de um lado, com o novo significado do trabalho no contexto da globalização econômica e, de outro, com o sujeito ativo que apropriar-se-á desses conhecimentos, aprimorando-se, como tal, no mundo do trabalho e na prática social. (BRASIL, 1999, p.30-32).

Na mesma direção, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM, 1998), que apresentam propostas de regulamentação da base curricular nacional e de organização desse nível de ensino, cuja relatora foi Guiomar Namó de Mello⁴, referindo-se a LDBEM afirmam que:

[...] a lei reconhece que, nas sociedades contemporâneas, *todos* independentemente de sua origem ou destino socioprofissional, devem ser educados na perspectiva do trabalho enquanto uma das principais atividades humanas, enquanto campo de preparação para escolhas profissionais futuras, enquanto espaço de exercício de cidadania, enquanto processo de produção de bens, serviços e conhecimentos com as tarefas laborais que lhe são próprias. (DCNEM, In: Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999, p. 92).

Dessa forma, a ideia de trabalho deve perpassar o currículo e todas as disciplinas buscarão abordar essa questão. Aqui o trabalho está restrito a ideia de atividade profissional e, portanto, o conteúdo deverá ser contextualizado e relacionado ao cotidiano do aluno. Essa forma de compreender o trabalho implica na submissão de **todos** à exploração do capitalismo. Embora o texto apresente o labor como uma das principais atividades humanas, não explicita que ela deve ser exercida na sua totalidade e o seu objetivo é fazer com que os trabalhadores aceitem e se adaptem à reestruturação produtiva, ao desemprego estrutural e à precarização das relações profissionais. Dessa adaptação dependerá a permanência do trabalhador no emprego. Assim, cabe à escola, fruto da sociedade capitalista, prepará-lo para atender aos interesses do capitalismo contemporâneo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio explicitam o que cabe à escola no atual mundo globalizado, quando afirmam que:

[...] a formação básica a ser buscada no Ensino Médio se realizará mais pela constituição de competências, habilidades e disposições de condutas do que pela quantidade de informação. [...] às escolas de Ensino Médio cabe contemplar, em sua proposta pedagógica e de

⁴ Guiomar Namó de Mello - membro da Câmara de Educação Básica da Câmara Nacional de Educação (CEB/CNE) nos governos FHC e relatora do Parecer emitido por essa Câmara sobre as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, diretora executiva e editorial da Revista Nova Escola da Fundação Empresarial Victor Civita e consultora do Banco Mundial.

acordo com as características regionais e de sua clientela, **aqueles conhecimentos, competências e habilidades de formação geral e de preparação básica para o trabalho** (DCNEM, In: Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999, pp. 87-100-101- grifo nosso).

Essa citação é apenas um exemplo das referências às competências e habilidades, relacionadas à formação para o trabalho, contidas no texto dos PCN destinado ao Ensino Médio. Em tais referências, está subjacente a ideia de que o domínio de competências e habilidades implica na adaptação do trabalhador ao processo produtivo. Assim, podemos afirmar que a escola contribui de modo significativo, para a manutenção e o desenvolvimento do capitalismo, pois, o domínio das competências é “ferramenta” importante na luta pelo emprego e pela competição por postos de trabalho. A competição é própria da concepção liberal de sociedade e de ser humano, uma vez que, para o liberalismo, a sociedade é a somatória dos cidadãos e cada um luta por seus direitos.

O ideal de formação do homem que adquiriu a plena harmonia e o domínio de si apontado por Platão não se faz presente no mundo contemporâneo, pois o modo de produção capitalista, com a luta de todos contra todos, expresso na luta de classes não deixa espaço para harmonia e tão pouco para o domínio de si mesmo.

4 CONCLUSÃO

Ao concluirmos este trabalho reconhecemos que existem aproximações e distanciamentos entre os ideais platônicos de educação e de ser humano, expressos na República.

No entanto, podemos entender a educação como algo abrangente que além de conteúdos e avaliações, cria um universo de possibilidades, de acordo com o tempo, o espaço e o modo de produção em vigor em cada época. O sentido da paideia grega enquanto formação do homem como homem, enquanto formação geral de todo e qualquer homem, parece, pois, opor-se a uma formação especializada e meramente técnica. Ou, ainda se preferirmos, uma educação técnica específica não dispensa, como seu suporte e fundamento, uma formação geral do homem enquanto homem, isto é, uma verdadeira paideia, uma formação humanista como alicerces de uma formação técnica. É precisamente isso o que exige a paideia grega.

A paideia grega, como ideal de formação humana excluía desse processo aqueles que estavam diretamente focados no trabalho, cuja formação se dava no seu próprio local de labor. No capitalismo, a formação se aplica a todos, pois ninguém está dispensado do processo de trabalho, pois essa condição coloca a todos como explorados nesse modo de produção.

Nesse sentido, o cidadão da *Pólis*, obediente e fiel ao Estado, dá lugar no mundo contemporâneo ao homem ativo. As atividades decorrem do processo de exploração e de exclusão impostas pelo capitalismo contemporâneo. O formato de cidadania, fundamentada nos princípios do neoliberalismo, cria a ilusão de que por meio dela acontecerão as transformações sociais. Na verdade, são apenas mecanismos de controle social.

No que se refere a formação humana, enquanto Platão vislumbrava que na sua *Pólis* idealizada o homem conquistaria plena harmonia e também o domínio de si, na fase contemporânea a formação é para o trabalho, em detrimento da humana. A necessidade de reprodução do capital coloca a tudo e a todos na linha de produção. Nessa perspectiva, as políticas educacionais contemporâneas estão a serviço do capital e não do ser humano, que quanto mais produz riqueza, mais pobre fica, pois, os produtos do seu trabalho pertencem a outro e desta forma não tem domínio de si mesmo e nem controle do que produz.

Desse modo as políticas educacionais da Paideia platônica se distanciam das atuais pois as lógicas dos modos de produção ao qual pertencem estão dentro de complexos sociais distintos

ABSTRACT

This study brings a reflection on the contributions of the Greek Paideia to contemporary education, initially based on the Homeric works Iliad and the Odyssey, highlighting the figure and role of the hero. Next, we will emphasize Plato's contributions to the new conception of citizens in the Greek Polis and his perspective of education in the formation of man and in social organization. Finally, we will present in a panoramic way educational changes in the contemporary world, especially from the educational reforms of the 1990s expressed through citizenship and preparation for work in capitalist society.

Key - words: Education. Citizenship. Plato. Philosophy. Human formation.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Flávio Anício. Formação do “cidadão-trabalhador”: educação e cidadania no contexto do “novo industrialismo”. In NEVES, Lúcia Maria Wanderlei (Org.) **Educação e política no limiar do século XXI**. Campinas, Autores Associados, 2000. p. 59-78.

BENEVIDES. Maria Victória de Mesquita. **A cidadania ativa** - referendo, plebiscito e iniciativa popular. 3ª edição. São Paulo, ed. Ática, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

COSTA, Frederico. Elementos de compreensão do pensamento pós-moderno: o irracionalismo como subproduto da crise do capital. In: JIMENES, Susana Vasconcelos e RABELO, Jackline (Org) **Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da história**. Fortaleza, Brasil Tropical, 2004. p. 65-80.

DCNEM, In: **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 1999.

HOMERO. **A Odisseia**. Tradução de Fernando C. de Araújo Gomes. São Paulo: Ediouro, 2004.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos A. Nunes. São Paulo: Tecnoprint, s/d.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MURARI, Juliana Cristhina; AMARAL, Roseli Gall do; PEREIRA MELO, José Joaquim. **Objetivos e Características da Educação Homérica: uma reflexão sobre o conceito de areté**. Disponível na internet: <http://docplayer.com.br/11822428-Objetivos-e-caracteristicas-da-educacao-homerica-uma-reflexao-sobre-o-conceito-de-arete.html>

PEREIRA, M. Helena Rocha. **Hélade**. Antologia da cultura clássica, 3ª ed., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos. 1971.

_____. **A república**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Secretaria de Educação Básica: **Ciências Humanas e suas tecnologias** Vol. 3. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2006. 133 p. (Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio).

SENRA, Álvaro de Oliveira. Propostas educacionais da igreja católica sob o neoliberalismo. In NEVES, Lúcia Maria Wanderlei (Org.) **Educação e política no limiar do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 103-132.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: ed. unijuí, 2005 – Coleção Fronteiras da Educação.

_____. **Educação e cidadania**. Revista Educação & Cidadania, Campinas: Átomo, ano 5, v.5, n.1, 2006. p. 23-32

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O mundo de Homero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.